

ANDRÉ DAHMER E SEU CINISMO: O CETICISMO RELIGIOSO NO HUMOR NEGRO CONTEMPORÂNEO

André Dahmer and his cynicism: The religious skepticism in contemporary dark humor

Layssa Bauer Von Kulitz

Resumo

O presente trabalho visa analisar o modo com que muitas vezes acabamos vinculando ao chamado humor negro uma qualidade cínica e cética, principalmente no âmbito das questões religiosas, demonstrando através de um estudo de caso como o humor negro moderno desnaturaliza a religião católica, assim como muitos de seus princípios básicos. Através da análise de tirinhas feitas por André Dahmer — cartunista brasileiro que atualmente publica suas obras em veículos com ampla distribuição, como o Jornal do Brasil, o Globo, a Folha de São Paulo, a revista Piauí e a revista Caros Amigos – este artigo pretende evidenciar o desprendimento que muitos produtos quadrinísticos de humor atuais têm com formas mítico-religiosas de pensar o mundo.

Palavras-chave: André Dahmer. Ceticismo Religioso. Análise Crítica.

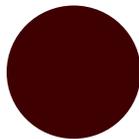
Abstract

The present work aims to analyze the way with which we, many times, end up linking to the so called dark humor a cynical and skeptical quality, mostly in religious matters, demonstrating through a case study how modern dark humor denaturalizes catholic religion, as well as its basic principals. Through the analyzes of the comic strips made by André Dahmer – a brasilian cartunist that currently publishes its works on vehicles with broad distribution, like Jornal do Brasil, Globo, Folha de São Paulo, the magazines Piauí and Caros Amigos – this article intends to highlight the detachment with which many current quadrinistic humor products act concerning mythical and religious ways of thinking the world.

Keywords: André Dahmer. Religious Skepticism. Critical Analysis.

Considerações Iniciais

“As histórias em quadrinhos aparentam uma grande simplicidade e pouca relação com o processo social e questões sociais mais profundas. Porém, os quadrinhos manifestam valores, concepções, sentimentos, etc., e nesse processo e mensagem



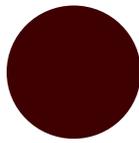
apresenta muito mais complexidade e caráter social do que aparenta. Toda história em quadrinhos é constituída por um universo ficcional e este mostra uma determinada manifestação cultural que cabe ao pesquisador revelar (o dito e o não-dito).”¹

Bem como apresentado por Nildo Viana em seu livro *Quadrinhos e crítica social*, as histórias em quadrinhos não apresentam à primeira vista suas referências e inferências feitas a partir de todo o seu processo de criação, distribuição e absorção. É preciso olhar mais a fundo o corpo das histórias em quadrinhos para que a sua interdependência com seu meio se torne clara, e, quando isso é finalmente feito, correlações entre o a obra, o seu autor e o seu público podem ser traçadas. Como dito por Viana: “a análise do caráter social dos quadrinhos remete a duas questões fundamentais: a produção social dos quadrinhos e a mensagem repassada por eles.”². Claro que, pode aspirar-se a conhecer mais que somente o esquema de produção dos quadrinhos e a sua mensagem, como diria Antonio Candido em seu livro *Literatura e Sociedade*, na pesquisa direcionada a obras literárias (estendida aqui também para as obras quadrinísticas) as etapas que dizem respeito a criação, distribuição e absorção das obras literárias são etapas interconectadas que, se analisadas, nos possibilitam a percepção de uma rede de referências e inferências intimamente ligadas ao cerco social do qual esta obra saiu. Como um produto mercadológico, as tirinhas *Os Malvados* devem ser vistas como projeções de valores e crenças da sociedade brasileira e como projeções de todo um arcabouço cultural e social dessa sociedade, este produto pode, e deve, ser percebido como uma obra *da* e *na* sociedade moderna. Tendo isso em vista, analisar as tirinhas *Os Malvados* do quadrinista André Dahmer, seu público e seu ambiente de criação permitirá que conclusões sejam tiradas acerca do momento e do espaço dos quais ele pertence.

Tirinhas que se utilizam de uma descrença enorme para com a tecnologia, e que muitas vezes associam a “desociabilização” decorrente dela à “obras do demônio”; que se utiliza de eventos bíblicos para satirizar o conformismo e individualismo moderno; que critica as excessivas formas de mercantilização da sociedade moderna por meio do uso de figuras chave da crença cristã; que atribui às práticas cristãs um caráter intolerante, arcaico, irredutível e conservador com intuito humorístico; e que insere essas mesmas práticas

¹ VIANA, Nildo. 2013, p. 19

² VIANA, Nildo. 2013, p. 20



cristãs no seu esquema de incredulidade para com a sociedade moderna, enquadrando, por sua vez, à religião as qualidades conformistas, mesquinhas e superficiais que matizam a sua visão dessa sociedade; têm muito a dizer sobre o meio para o qual direciona suas críticas.

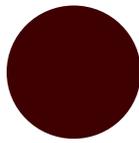
Mais ainda, por meio do mecanismo do humor a análise dessas tirinhas não só têm o poder de relacionar as projeções sociais e culturais que elas fazem e que são feitas nelas, elas introjetam nessas suas construções humorísticas da sociedade moderna certo cinismo e ceticismo. O que significa dizer que, além de tecer um cenário que aglomera valores, crenças e juízos compartilhados pelo autor, público e sociedade que os ambientam, essas tirinhas constroem em cima destes um juízo crítico próprio, com fins humorísticos, que traduz e desconstrói tanto a sua quanto a nossa maneira de pensar as formas mítico-religiosas na modernidade.

A pós-modernidade e a religião

“O certo é que a pós-modernidade se conjuga com uma série de fatores que vão desde a crise da industrialização, da massificação dos meios de comunicação e transporte, da informática, da eletrônica, da telemática, se reforça com as mudanças sociais marcadas pelo desenvolvimento econômico e a crise do mercado, a diversificação e crise das instituições sociais, a urbanização crescente e o surgimento das megalópoles, dos protestos e lutas sociais, da alteração de papéis sociais, passando pela crise do racionalismo, a eliminação de mitos, a quebra de tabus e preconceitos, a secularização e, finalmente, a um retorno ao sentimento, a explosão religiosa e a um novo comportamento diante do mundo, do outro, de si mesmo e de Deus.”³

As mudanças perpetuadas pela passagem da modernidade a pós-modernidade acabaram por cimentar uma visão bastante fragmentada, instável e individualizada do mundo. Como é posto na citação acima, a pós-modernidade proporcionou de fato a criação de “um novo comportamento diante do mundo, do outro, de si mesmo e de Deus” com a permuta dos antigos paradigmas pautados pela segurança, ordem e desejo de controle e organização social para um novo mundo onde a máxima reinante é ideia de liberdade, ideia bastante cara a pós-modernidade. Bauman há muito fala da indispensável ambição contemporânea para com a liberdade, que deslocou-se das nítidas divisões, inflexibilidades, irredutibilidades e estruturações modernas para a pós-moderna sensação flutuante e líquida de ser.

³ BARTH, 2007: p.90.



“A incerteza e a insegurança que ocupam lugares cada vez mais centrais nos modos de vida contemporâneos estão profundamente conectadas ao fato de que, hoje, a organização dos espaços e o controle da ordem (tanto no que se refere aos problemas de ordem coletiva quanto de ordem individual) estão passando por um crescente e intenso processo de desregulamentação e privatização – que Bauman chama de a nova desordem do mundo: o que quer que venha a tomar o lugar da política dos blocos de poder assusta por sua falta de coerência e direção e também pela vastidão das possibilidades que pressagia”⁴

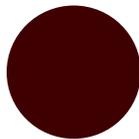
Em *O mal-estar da pós-modernidade*, Bauman apresenta por via das bruscas mudanças tecnológicas e econômicas sofridas na passagem da modernidade para a pós-modernidade, a metamorfose mental que tomou lugar a partir do processo de crise social, que colocou em xeque o modelo vigente, assim como seus princípios e valores, e fez nascer o desejo de superação pós-moderno. Que por sua vez deu espaço para a configuração de um novo homem, de uma nova sociedade, de uma nova ética e de uma nova religião. Neste novo quadro pós-moderno, o novo e o diferente são vistos como bom e o velho e tradicional é visto como ultrapassado.

Mike Featherstone norteia esse processo de transição para a pós-modernidade por via de quatro dimensões principais: a primeira sendo o movimento que afastou as ambições universalistas e normativas modernas da nova e fragmentada ênfase pós-moderna no conhecimento local, no sincretismo e na diferença; a segunda sendo a “dissociação das hierarquias simbólicas que acarretam julgamentos canônicos de gosto e valor, indo em direção ao colapso populista da distinção entre a alta cultura e a cultura popular”⁵; a terceira sendo a estetização do cotidiano; e a quarta, e última, dimensão sendo a descentralização do indivíduo, a fragmentação e cacofonia social.

Todos esses diagnósticos da vida e do homem contemporâneo nos leva a tecer um quadro no qual a suposta abertura as diferenças, o pluralismo, a tolerância e a capacidade de diálogo com a diversidade direciona a pós-modernidade a uma indiferença relaxada. No sentido de que o relativismo e ceticismo que reinam atualmente têm um tom devorador, afinal, deles nasce uma ideia de verdade passageira, frágil e provisória. O único consenso existente na pós-modernidade é o de que cada indivíduo carrega a sua própria verdade.

⁴ BAUMAN; COUTINHO, 2001: p. 138.

⁵ BARTH, 2007: p. 91.



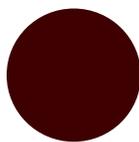
Esse novo esquema realoca outras dimensões da vida social que antigamente ocupavam lugares de maior importância, como a religião, por exemplo. Na visão e compreensão do homem pós-moderno, o centro do universo passa a ser ele mesmo. Deus e o mundo passam para um segundo plano.

O ceticismo para com verdades dogmáticas e absolutas minou as maneiras mais tradicionais de pensar o papel de Deus na vida cotidiana do homem pós-moderno. O niilismo, de certa maneira, atingiu o campo da religião, tornando o axioma contemporâneo a privatização e individualização da religião, o que significa dizer que a época pós-moderna abarca um *pot-pourri* religioso extremamente multimodal.

Claro que ao escrever sobre a era pós-moderna, Zygmunt Bauman não estava pensando estritamente em países como o Brasil. Existem controvérsias a respeito da empregabilidade desse termo em países que não pertençam ao cerco europeu de onde o autor fala. Contudo, no que tange as relações do pós-moderno com a América Latina, Nestor Canclini vem ao regate, dizendo que a hibridização cultural existente nesse continente é algo essencial ao pós-modernismo. A heterogeneidade latino-americana, quanto aos estágios de desenvolvimento próprios de cada país, corresponde a uma articulação mais complexa entre tradições e modernidades, fazendo coexistir em si múltiplas lógicas de desenvolvimento. Canclini relaciona a pós-modernidade latino-americana à multiplicidade cultural que permeia os múltiplos estágios de desenvolvimento presentes aqui, teorizando que não existem somente uma pós-modernidade, mas várias. Cada uma adaptada ao local onde foi inserida e cultivada.

O humor negro de André Dahmer

André Dahmer, nascido no Rio de Janeiro no ano de 1974, começou a desenhar na infância, pensou em começar sua carreira na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio, mas formou-se em Design na Pontifícia Universidade Católica ao invés. Depois de formado deu início a seu blog, onde publicava suas primeiras tirinhas dos Malvados. O empreendimento foi se expandindo e logo deu espaço para o seu atual portal malvados.com.br. A visibilidade que suas publicações digitais tiveram fizeram com que novas propostas de trabalho fossem surgindo, incluindo aí suas gravuras, pinturas e tirinhas, que



podem ser acompanhadas em veículos de alta distribuição como a *Folha de São Paulo*, o *Jornal do Brasil*, a revista *Sexy Premium*, a revista *Bizz* e o portal *G1*. A partir de 2005, seu já alto contingente de tirinhas foram compiladas em seu primeiro livro, *Malvados*, pela editora Gênese. Dois anos após sua primeira publicação, André Dahmer congregou três outros livros ao longo dos anos de 2007, com *O livro negro de André Dahmer*, de 2008, com um segundo compilado de tirinhas dos *Malvados*, e 2009 com *A cabeça é a ilha*, todos pela editora Desiderata. Em 2011 lançou *Ninguém muda ninguém* pela editora Flâneur e *Rei Emir Saad: O monstro de Zazanov* pela editora Barba Negra. Seus trabalhos foram progressivamente ganhando mais espaço nas principais mídias e veículos metropolitanos.

Seu humor sombrio, ácido e negro, junto a seus traços um tanto caóticos, infantis e simples, trouxe à tona críticas aos modos operantes contemporâneos, sem contudo apresentar quaisquer soluções ou perspectivas de melhora, aspecto esse bastante ligado ao pós-modernismo.

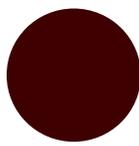
“Como não consegue resolver os problemas que aponta, o pós-modernismo ri deles. Ri num sentido de denúncia e renúncia, para combater ou apenas para não chorar das tragédias que o indivíduo enfrenta. Como afirma Sandra Fontoura, uma das características marcantes no pósmodernismo, é “um teor irônico ou até cômico, para não dizer que tem um toque de loucura, uma vez que não apresenta soluções ou alternativas, apenas aceita passivamente o que o moderno não conseguiu resolver e ri da tragédia cotidiana” (Fontoura 1996: 33).”⁶

Sendo assim, parece natural que autores contemporâneos se utilizem do recurso da ironia, do sarcasmo, do ceticismo e do cinismo como meios humorísticos, afinal, como Georges Minois colocou em seu livro *História do riso e do escárnio*, “a ironia está próxima da consciência do nada”⁷, ela se assemelha muito a tristeza, pois celebra a derrota da razão. Podemos dizer aí que estes recursos bebem da fonte contemporânea no que toca seu derrotismo, pois este pessimismo é fruto das contradições com as quais vivemos, mas que não deixam de ser absurdas e irremediáveis.

Dentre os recursos muito instrumentalizados por autores e artistas contemporâneos, um dos favoritos de André Dahmer é a paródia. Ela é feita sempre com um tom de crítica, se apropriando, por vezes, de referenciais históricos para criar humor. O próprio modernismo

⁶ ARRUDA, 2012: p. 230.

⁷ MINOIS, 2003: p. 567.

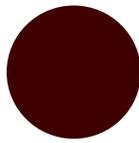


se prestou amplamente do meio parodístico, mesmo que de outra forma. Nele os objetos da paródia eram os textos e obras consagradas que seriam contestados, diferente de agora, tempo em que a paródia revisita textos modernos a fim de desconstruí-los e desmistificá-los. O humor contemporâneo vem com o intuito de envolver todas as facetas sociais, culturais, políticas e econômicas em seu véu de descrença e desesperança. Muito como o que antes foi a arte pela arte, hoje se torna o riso pelo riso.

Reparando na atitude relativista e desmistificadora do humor contemporâneo, notamos que tudo o que poderia ser considerado íntegro será desmanchado. No campo da religião tal afirmação se mostra ainda mais presente. O humor contemporâneo, assim como o espírito instável e fragmentado da pós-modernidade descrito por Bauman, liquidifica qualquer base ou fundamentação tradicional. A religião, em particular a religião cristã, assim como seus ritos e princípios fundadores, sofre por essa maneira fragmentada, relativa, multidimensional, especializada e subjetiva de pensar. Afinal, grande parte de suas crenças e valores advém do universalismo cristão, ou seja, da doutrina de que todos os homens têm a chance de salvação; e da normatividade, isto é, o cristianismo prevê certos comportamentos e atitudes que devem ser incorporados de forma normativa na vida dos homens.

A religião cristã nas tirinhas de André Dahmer sofrem essa descrença cética e cínica. O campo da religião cristã é visto com a mesma luz que o resto da sociedade moderna, de forma falha. A religião, não deixando de ser um campo administrado e mantido por homens, está, assim como eles, suscetível a erros, egoísmos, ganâncias e confusões.





O mundo contemporâneo, permeado pela nova dinâmica descrita por Bauman como a reorganização do espaço social de controle que perpetua o processo de privatização do mundo, sujeita todos os aspectos presentes nele a sua insegurança. Eventos mítico religiosos são matizadas sob as cores da mercantilização do mundo.



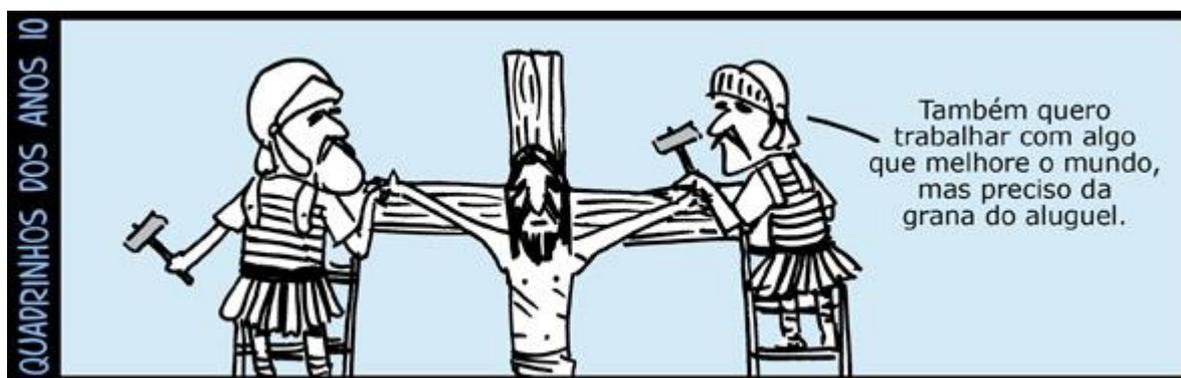
As novas tecnologias se adentram nas concepções mais tradicionais da religião cristã, tornando a crítica a nova vida digital possibilitada pelos avanços do século XXI uma crítica também aos quadros mentais conservadores associados a religião cristã.



A religião cristã e seus ícones são despidos de suas significações próprias para serem reutilizados nas novas concepções contemporâneas do que é bom e mal, o que, para André Dahmer, se resume as concepções do que é rentável e do que não é rentável.

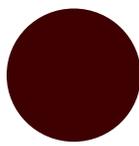


O conformismo e comodismo próprios da sociedade pós-moderna se tornam materiais paródicos de atualização de acontecimentos míticos religiosos aos dias de hoje, mais uma vez mostrando a nossa preocupação com os aspectos humanos, corriqueiros e falhos da vida humana.



Os nossos juízos morais são questionados e criticados tendo como base o nosso processo histórico ornamentado por toda uma forma de enxergar o mundo intimamente ligada a concepções cristãs. Neste novo esquema, ligamos aos tradicionais juízos morais da religião cristã qualidades doutrinantes e dogmáticas, que moldam os homens por meio do constrangimento social e do estabelecimento de padrões e ideais a serem seguidos.





Considerações Finais

Nos trabalhos muitos de André Dahmer uma noção bastante tradicional e perene da religião cristã é apresentada e criticada. Junto a questões como a monstruosa mercantilização de todos os aspectos da vida humana, o aumento assustador do uso da tecnologia na vida cotidiana e o individualismo extremo, a religião é vista como algo em descompasso com as formas de ser atuais. Sendo publicadas em jornais de grande absorção, tais tirinhas mostram que suas muitas inferências e referências são compartilhadas pelo público leitor, nos deixando a imaginar que existe sim algum embasamento para o tipo de pensamento perpetuado nas obras de André Dahmer. O riso ácido proporcionado pelas tirinhas de três atos do autor, contudo, vem ao preço de uma desesperança e de um desamparo tremendo.

Referências

ARRUDA, Angela Maria Pelizer de. Cultura e literatura contemporâneas, algumas abordagens do pós-moderno. *Estação Literária, Londrina*, v. 9, p. 220-237, jun. 2012.

BARTH, Wilmar Luiz. O homem pós-moderno, religião e ética. *Teocomunicação, Porto Alegre*, v. 37, n. 155, p. 89-108, mar. 2007.

BARBOSA, Alexandre. *História e quadrinhos: A coexistência da ficção e da realidade*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. *Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte*. São Paulo: Devir, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

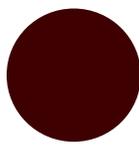
BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Resenha de: COUTINHO, Karyne Dias. *Revista Brasileira de Educação*, núm. 18, set-dez, 2001, pp. 138-140.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Tópicos).

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Néstor García. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. Ana Goldberg. São Paulo: Iluminuras, 2008.

COUTINHO, Eduardo F. *O pós-modernismo e a ficção latino-americana contemporânea: riscos e limites*. In: *Anais do III Congresso ABRALIC – Limites*. São Paulo: EDUSP; Niterói: ABRALIC, 1995, p. 423-428.



DAVIES, Christie. *Cartuns, caricaturas e piadas: roteiros e esteriótipos*. In: LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos esteriótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DELIGNE, Alain. *De que maneira o riso pode ser considerado subversivo?* In: LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos esteriótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FONTOURA, Sandra R. H. da. *Ironias da cultura pós-moderna*. In: *Revista Signo*. Santa Cruz do Sul: UNISC, v.21, n.31, p.33-37, set.1996.

GARCIA-CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana R. Lessa. São Paulo: Edusp, 1997.

JAMESON, Fredric. *Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios*. Trad. Ana L. Gazoela. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

KUPERMANN, Daniel. *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Lisboa: Antropos, 1989. MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Trad. Maria Elena O. Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LOQUE, Flávio Fontanelle. *Ceticismo e religião no início da modernidade*. A ambivalência do ceticismo cristão. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução por Maria Elena Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

RAMOS, Paulo. *Revolução do gibi: A nova cara dos quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Devir, 2012.

SIMON, Luiz C. S. *Além do visível: contos brasileiros e imagens na era do pós-moderno*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. Tese de Doutorado em Literatura Comparada.

VIANA, Nildo. *Quadrinhos e crítica social: O universo ficcional de Ferdinando*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.